

# humanitas

**Vol. XLIX**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLIX • MCMXCVII



## JOSÉ DE ANCHETA EM COIMBRA

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO  
*Universidade de Coimbra*

Nesse ano de 1548, em que abriu em Coimbra o Colégio das Artes, fundado por D. João III, chegava à cidade do Mondego o estudante José de Anchieta.

José de Anchieta era filho do «escribano real» Juan de Anchieta, nascido no País Basco, e de D. Mencia Diaz de Clavijo y Lharena. Esta senhora era viúva do bacharel Nuno Nunez de Villavicencio, de quem tivera uma filha e um filho. José de Anchieta era filho do segundo matrimónio de sua mãe e chegou a Coimbra, na companhia de seu irmão mais velho, filho do primeiro matrimónio, de seu nome Pedro Nunez.

Este Pedro Nunez aparece matriculado na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, como natural de “tenerife das Canarias de Castella”. O registo em questão, encontrado pela minha saudosa amiga, D<sup>ra</sup>. Maria Georgina Trigo Ferreira, encontra-se no vol. 5, caderno 1.<sup>o</sup> dos *Autos e Graus de 1554 a 1557*, e reza assim: “provou pedro nunez de tenerife das Canarias de Castella diante do Sor frei diogo de murça Reitor dous cursos em Canones que comecarão pollo outubro de I b<sup>c</sup> quarenta e oito e se acabarão por I b<sup>c</sup> L<sup>ta</sup> e forão testemunhas que asi o jurarão os bachareis diogo madeira e hieronimo sueiro e eu diogo dazevedo o screvi aos xi dias de Julho de I b<sup>c</sup> L<sup>ta</sup> e quatro annos

yeronimo soeyro dioguo madeira”.

(A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal I*, Coimbra, 1988, p. 179).

Como em tempos escrevi, “há ainda mais dois documentos relativos a Pedro Nunez de Tenerife das Canárias de Castela, mas só este revela a data do início da sua frequência da Universidade”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Op. cit.*, p. 177.

José de Anchieta chegou portanto a Coimbra na companhia de seu irmão em 1548 e já se encontrava na cidade em Outubro deste ano. Terá assistido à abertura do Colégio das Artes de que se sabe ter sido aluno, por uma referência indirecta?

O Colégio das Artes abriu solenemente em 21 de Fevereiro de 1548, com uma oração de Arnold Fabrice, conhecido pela forma aportuguesada de seu nome latino, como Arnaldo Fabrício. A oração existe ainda hoje e foi traduzida e comentada por uma aluna minha, numa dissertação de licenciatura dactilografada<sup>2</sup>. É um belo discurso humanístico.

O Colégio das Artes não inaugurou os estudos de Humanidades em Coimbra. Antes da sua fundação, os estudos de Humanidades eram ministrados na Faculdade de Letras que funcionava no Mosteiro de Santa Cruz, ainda antes da transferência da Universidade para Coimbra, em 1537.

O Colégio das Artes conferia aos seus alunos os graus de bacharel, licenciado e mestre em Artes, mas a sua frequência era obrigatória, durante um certo número de anos, como escola preparatória de ingresso nas outras Faculdades.

E duas delas exigiam o curso completo de Artes para a sua admissão. Eram a Faculdade de Teologia e a Faculdade de Medicina. A tradição dos médicos devotados à Literatura tem aqui um dos seus prováveis fundamentos.

Do tempo em que as Artes eram estudadas em Santa Cruz, há testemunhos vários sobre o funcionamento do curso e, entre eles, uma oração de sapiência de Outubro de 1539, pronunciada por Mestre Juán Fernández, um sevilhano conhecido na tradição coimbrã, pelo nome aportuguesado de João Fernandes. Esta oração de 1539, extremamente interessante, foi traduzida e comentada por um aluno meu, numa dissertação de mestrado<sup>3</sup>.

Com as informações que possuímos sobre as Artes em Santa Cruz e sobre o Colégio das Artes, podemos fazer uma ideia aproximada dos estudos de Anchieta em Coimbra, embora não possuamos qualquer documento da sua frequência da Universidade onde certamente não chegou a entrar, visto que mesmo certas disciplinas mais adiantadas, como a Filosofia, eram ministradas no Colégio das Artes. Também não deve ter concluído o curso de Artes, pois nunca foi chamado de bacharel ou licenciado. Mas deve ter sido um excelente aluno, a avaliar pela

---

<sup>2</sup> Maria José Sousa Pacheco, *A oração inaugural do Colégio das Artes de Arnaldo Fabrício*. Coimbra, 1959.

<sup>3</sup> Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes, *Mestre João Fernandes: a "Oração Pública" de 1539*. Coimbra, 1993.

qualidade dos seus versos e da sua prosa em latim humanístico. E também, como tive ocasião de acentuar no Congresso de La Laguna, em Junho de 1997, deve ter chegado a Coimbra com um bom conhecimento da língua latina, como era então uso entre as famílias instruídas, onde há casos de os filhos terem iniciado o latim, aos três anos de idade.

Preparação semelhante à sua, em grau talvez ainda mais adiantado, devia possuir seu irmão Pedro que se matriculou directamente em Cânones, sem passar pelo ensino preparatório do Colégio das Artes.

A inferência de que José foi aluno do Colégio das Artes tira-se dos factos seguintes: “Pelo *Processo Apostólico de Lisboa. Arquivo Secreto Vaticano* (ASV), Congr. Rit. ANCHIETA, n.º 307, 2.ª p. depoimento do P.º Álvaro Pires, S.J., foi Anchieta colega de aula de D. Jorge de Ataíde. Diogo de Teive no processo inquisitorial, a que foi submetido em 1550, arrola como testemunha de sua ortodoxia esse seu aluno.” Esta informação é tirada do livro *Anchieta, o apóstolo do Brasil* do P.º Hélio Abranches Viotti, S.J., que para o processo de Diogo de Teive cita Mário Brandão, *A Inquisição e os professores do Colégio das Artes*, vol. I, Coimbra, 1948, pp. 672-673, nota.

Temos, portanto, Anchieta, colega de classe de D. Jorge de Ataíde, filho do poderoso conde da Castanheira, valido del-rei D. João III. Mário Brandão no referido livro, nas páginas citadas, dá uma informação complementar sobre a carreira académica de D. Jorge, desenrolada com toda a normalidade, isto é, sem interrupções nem reprovações, que veio a terminar, pelo que respeita ao Colégio das Artes, com o grau de bacharel em 7 de Março de 1554, com o de licenciado em Artes em 29 de Março de 1555 e o de mestre em 3 de Maio de 1554. Anchieta, se tivesse continuado em Coimbra, teria, portanto, recebido os graus académicos de Artes também entre 1554 e 1555. Ora a 8 de Maio de 1553, tinha embarcado em Lisboa, o irmão José de Anchieta da Companhia de Jesus, com destino ao Brasil.

Devo esclarecer que o facto de ter entrado em Coimbra na Companhia de Jesus não o impedia de frequentar o Colégio das Artes. Antes pelo contrário. Com efeito, os jesuítas estavam interessados em angariar vocações entre os alunos do Colégio das Artes que viria a cair-lhes nas mãos em 1555. Sabemos dessa tática de conquista dos melhores alunos e dos membros da nobreza, porque alguns reparos feitos a essa situação, nomeadamente, por Diogo de Teive,

---

<sup>4</sup> D. Jorge de Ataíde continuou a sua carreira académica, vindo a ser doutor em Teologia e bispo de Viseu, entre outras altas posições que ocupou. Cf. *Memórias da Universidade de Coimbra ordenadas por Francisco Carneiro de Figueiroa*, 1937, p. 84.

vêm a figurar entre as acusações contra o humanista, no processo da Inquisição, que está publicado.

Um aluno dum centro universitário não se faz apenas pela frequência das aulas. Há todo um conjunto de actividades circum-escolares que contribuem para lhe dar a formação universitária, característica do seu tempo. E Coimbra não escapava à regra no século XVI, como não escapa hoje.

Assim, o ano de 1548 é particularmente fértil em manifestações académicas. Já me referi, de passagem, à oração de abertura do Colégio das Artes, pronunciada pelo francês Arnaldo Fabricio, em 1548. Se José de Anchieta, chegado nesse ano a Coimbra, não pôde ouvi-la, não teria qualquer dificuldade em fazer a sua leitura, pois foi publicada em Coimbra, no mesmo ano, pelos impressores João de Barreira e João Álvares.

Em 17 de Julho desse ano de 1548, pronunciou o mestre de Retórica João Fernandes, que atrás mencionámos, um discurso intitulado *De celebritate Academiae Conimbricensis* “Sobre a Fama da Universidade de Coimbra” que foi a dissertação de licenciatura de Jorge Alves Osório, meu antigo aluno e hoje professor catedrático da Faculdade de Letras do Porto. Encontra-se publicada esta oração, com tradução e um valioso estudo introdutório do seu tradutor moderno, desde 1967, em edição do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra.

A ocasião que propiciou este discurso universitário de 17 de Julho de 1548, foi a visita que fez o Infante D. Luís, irmão de D. João III, que decidira fazer estudar em Coimbra seu filho bastardo D. António, o futuro prior do Crato e efêmero rei de Portugal. D. António estava desde o ano anterior, 1547, no Colégio de São Jerónimo, de onde passaria em 1548 para o Mosteiro de Santa Cruz, vindo a licenciar-se em Artes, em 1551.

No seu discurso em Julho de 1548, Mestre João Fernandes “desenrolou perante os olhos e ouvidos do irmão do Rei, as glórias do corpo docente universitário, referindo, com maior ou menor extensão, o currículo e os méritos de mestres como os teólogos Afonso do Prado, Marcos Romeiro, Frei Martinho de Ledesma e Paio Rodrigues Vilarinho, os canonistas Martinho de Azpilcueta, o doutor Navarro, João de Morgovejo e Fábio Arcas de Nárnia, os juristas Manuel da Costa e Ascânio Escoto, os médicos Rodrigo de Reinoso, Francisco Franco e António Luís, o matemático Pedro Nunes, os mestres de Artes, Gaspar Bordalo, Vicente Fabricio e Eusébio.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I. Coimbra, I.N.I.C., 1988, p. 49-50.

De todos estes, a figura mais prestigiosa era o canonista Doutor Navarro, Martinho de Azpilcueta, um basco como o pai de José de Anchieta. E pergunto a mim mesmo, se uma das razões da vinda de Pedro Nunez, estudante de Cânones, e seu irmão José de Anchieta para Coimbra não terá sido exactamente a presença na universidade do famoso canonista Azpilcueta Navarro, tanto mais que não é impossível admitir relações de conhecimento mútuo, dada a comum origem basca.

Lembro-me de que, quando estudava (1947-49) em Oxford, acorriam àquela Universidade muitos médicos catalães, atraídos pela reputação dum patricio, professor de Medicina, de nome Trueta, se me não engano.

A terceira oração de 1548, e a essa pode muito bem ter assistido José de Anchieta, ou tê-la lido, porque foi publicada de seguida, foi a de Belchior Beliago, em 1 de Outubro de 1548, dia da abertura solene das aulas do ano lectivo de 1548-49. Beliago falou das disciplinas ensinadas na Universidade, pondo em relevo o mérito de cada uma num discurso que intitulou de *De Disciplinarum omnium studiis oratio ad uniuersam Academiam*<sup>6</sup>.

Também Anchieta deve ter passado em Coimbra os momentos mais críticos do Colégio das Artes e do seu corpo docente internacional, subseqüentes ao falecimento do principal André de Gouveia, em 9 de Junho de 1548. À hora da morte, — contava-se em Coimbra — o principal, perguntado se queria um confessor, respondeu “soli Deo”: “a Deus somente”. E esta resposta fora considerada uma confirmação do espírito protestante de André de Gouveia e das tendências reformistas de que ele e alguns dos professores que trouxera de França, vinham sendo acusados.

Hoje, com a publicação dos processos na Inquisição de George Buchanan, Diogo de Teive e João da Costa, e com as informações proporcionadas pela correspondência entre Diogo de Gouveia Sénior e o Rei, sabe-se que a intriga vinha sendo montada de longe, tanto no tempo como no espaço. A fonte das maquinações secretas que levariam os três lentes mencionados ao tribunal da Inquisição estava em Paris, no velho e rancoroso Diogo de Gouveia e no seu ódio incurável ao sobrinho André que abandonara o Colégio de Santa Bárbara na capital francesa de que o tio era principal, para fazer uma carreira coroadada de êxito em Bordéus e em Coimbra.

---

<sup>6</sup> *Oração sobre todas as Disciplinas*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Porto, 1959.

A prisão dos lentes do Colégio das Artes ocorreu dois anos depois, em Agosto de 1550. Foram presos, como atrás disse, o escocês Jorge Buchanan e os portugueses Diogo de Teive e João da Costa, os dois primeiros em Coimbra e o último em Lisboa, onde se encontrava a tratar de assuntos do Colégio, de que era então principal. As acusações não eram desmandos morais, ao contrário do que já alguém escreveu, mas faltas como confessarem-se pouco, comerem carne em dias proibidos, desencorajarem os discípulos de se meterem a frades, afirmarem que Deus se deve servir por amor e não por temor, dizerem que furtar uma pena de escrever é tão grave como roubar trinta cruzados e um ou outro comentário imprudente, feito nas aulas ou em conversas de amigos, sobre pontos de doutrina religiosa.

Talvez por influência duma carta de Martín de Azpilcueta à rainha D. Catarina que era espanhola como ele, e muito o respeitava, os três professores foram relativamente bem tratados durante a sua curta prisão, e Buchanan talvez melhor que os outros. Mandado recolher a um convento de frades lóios de Lisboa, os frades deram-lhe como penitência redigir os Salmos de David, em versos clássicos latinos. E Buchanan saiu-se do encargo, escrevendo uma das suas obras primas de grande poeta, admirado em toda a Europa de então.

A actividade editorial, sobretudo em latim, de Coimbra entre 1548 e 1551, é notável. A poesia latina estava na moda e Buchanan, por exemplo, tanto pode escrever um epigrama a recomendar uma *relectio* de Azpilcueta, como dedicar um pequeno poema em louvor de D. João III, logo a abrir o *Commentarius de Rebus in India apud Dium gestis, anno Salutis nostrae MD XLVI. Iacobo Tevio Lusitano Autore. Conimbricae, MDXLVIII*<sup>7</sup>, ou seja, a *Crónica dos feitos praticados na Índia, em Diu, no ano de 1546, da autoria de Diogo de Teive português. Coimbra, 1548*. O outro epigrama em louvor do livro de Teive é de João da Costa. O livro trata do 2.<sup>o</sup> cerco de Diu, em 1546.

Sabe-se que Buchanan, uma vez em liberdade, e já fora de Portugal, mimoseou D. João III com outro epigrama “In Polyonymum”, “Contra o de muitos nomes”, este nada laudatório do soberano de Portugal. Traduzi ambos no meu livro *Latim Renascentista em Portugal*<sup>8</sup>.

Tem-se escrito que esta prisão dos três lentes do colégio e, um ano mais tarde, a de um quarto lente, Marcial de Gouveia, desmantelou o Colégio das

---

<sup>7</sup> Traduzido por Carlos Ascenso André, com notas de Rui Manuel Loureiro. Lisboa, Cotovia, 1995.

<sup>8</sup> 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, F.C.G./J.N.I.C.T., 1994, p. 178-181.



Artes. Não é bem assim. Havia professores competentes na facção adversa aos “bordaleses”, nome dado a André de Gouveia e seus companheiros. Eram os chamados “parisienses”, inimigos de André e partidários de seu tio, o principal de Santa Bárbara, Diogo de Gouveia, Sênior.

Por outro lado, fora das duas parcialidades, estavam humanistas de grande gabarito, como André de Resende e Inácio de Moraes que vieram ensinar no Colégio das Artes, chamados por D. João III.

Todavia, a prisão dos lentes afectou o clima de confiança em que até aí se trabalhava no Colégio das Artes, e a partida, em anos sucessivos, de alguns dos professores estrangeiros como Nicolau de Grouchy, Elias Vinet ou Guilherme de Guérente, facilitou a posterior entrega do Colégio à Companhia de Jesus.

Nestes anos em que Anchieta permaneceu em Coimbra, por aí passou uma pléiade notável de poetas latinos, entre outros, George Buchanan, Diogo de Teive, João da Costa, André de Resende, Inácio de Moraes, Marcial de Gouveia, o grande jurista Manuel da Costa, etc. Destes, pelo menos Diogo de Teive foi professor de Anchieta que, mais tarde, dará provas de uma excepcional aptidão para a poesia latina, ao compor não apenas dois longos poemas em ritmo dactílico mas numerosas poesias em ritmos líricos, um género que só estava ao alcance dos melhores cultores da poesia latina.

Compor versos em latim clássico era parte da formação cultural dum humanista do Renascimento. Assim, este exercício escolar veio a ser praticado por versejadores correctos mas sem inspiração. Não é esse o caso de José de Anchieta, cuja poesia em latim renascentista, o proclama um dos melhores poetas do seu tempo.

Em Novembro de 1550, de certo para sossegar os ânimos, depois da prisão dos professores do Colégio das Artes, D. João III veio com sua mulher, a rainha D. Catarina, o príncipe herdeiro D. João, e a tia deste, a famosa Infanta D. Maria, visitar a cidade e a universidade de Coimbra. Anchieta ainda estava na então chamada Lusa Atenas.

Nesse mesmo ano de 1550, em Março, celebrara-se com grande pompa o bacharelato de D. António, filho do Infante D. Luís e futuro Prior do Crato. D. António terminara um curso que fora regido por Mestre Luís Álvares Cabral, mas a peça de teatro, representada pelos estudantes para solenizar o acontecimento, tinha sido escrita por Diogo de Teive e andava em torno da história de David. Outra tragédia latina de tema bíblico foi *Judith*. Tanto *David* como *Judith* não chegaram até nós. Como é sabido, só possuímos hoje a

*Tragoedia Ioannes Princeps*, sobre a morte do príncipe herdeiro D. João, em 1554, pai do futuro rei D. Sebastião que nasceria dezoito dias depois da morte do pai. A *Ioannes Princeps Tragoedia* foi publicada por Teive em Salamanca, em 1558, e traduzida por uma aluna minha<sup>9</sup>.

Também Buchanan é autor de duas traduções latinas de Eurípides, a saber, as tragédias *Medeia* e *Alceste* e de dois dramas bíblicos, *Jephtes* e *Baptista*, representados em Bordéus. Não sabemos se foram também representados em Coimbra, mas com Claude-Henri Frèches<sup>10</sup>, pensamos que não. Todavia, ainda de acordo com o mesmo autor, admitimos que os textos de ambas fossem conhecidos em Coimbra. Por aqui se vê que já na fase inicial do Colégio das Artes, e certamente antes em Santa Cruz, o teatro de tema religioso fazia parte da actividade escolar. E José de Anchieta deve ter conhecido as peças bíblicas do seu mestre, Diogo de Teive.

Naturalmente, durante o seu apostolado no Brasil, Anchieta não esreveu peças latinas para os seus catecúmenos, quer índios, quer colonizadores portugueses, na sua maioria incultos.

O estilo é popular, uma espécie de Gil Vicente simplificado, e em tupi, castelhano e português. Assim mesmo, “Na Festa de São Lourenço”, apresenta alusões características da época. Com efeito, escreve em castelhano:

Ni Pompeyo, ni Catón,  
ni César, ni el Africano,  
ningún griego ni troyano  
pudieron dar conclusión  
a hecho tan soberano<sup>11</sup>.

E um pouco adiante:

Porque el odio inveterado  
de tu duro corazón,  
no puede ser ablandado,  
si no fuere martillado  
con agua del Flegetón<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Nair de Nazaré Castro Soares, *Diogo de Teive: Tragédia do Príncipe João*. Coimbra, C.E.C.H., 1977.

<sup>10</sup> *Le théâtre néo-latin au Portugal*. Paris - Lisboa, 1964, p. 100. cf. recensão de A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, I.N. - C.M., 1988, p. 382-385.

<sup>11</sup> Armando Cardoso, S.J., *Teatro de Anchieta*. São Paulo, Edições Loyola, 1977, p. 169.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 173. Cf. na mesma veia, p. 171:

Mas voltemos ao ano de 1550. Durante a visita real, o bacharel em Artes, D. António, pronunciou uma oração latina, perante o rei D. João III, enaltecendo a figura de D. Afonso Henriques, cujo corpo se guarda em sumptuoso túmulo manuelino, no Mosteiro de Santa Cruz. A oração intitulava-se *Panegyris Alphonsi primi Lusitanorum Regis* e foi logo impressa em 1550, mas dela não resta hoje qualquer exemplar. Anchieta, porém, pode tê-la conhecido.

O discurso solene de boas vindas, em nome da Universidade, foi pronunciado em latim por Inácio de Moraes, a 8 de Nov. de 1550, que o terminou com uma bela ode à maneira horaciana, onde são exaltadas a figura do rei e a sua obra patente em Coimbra, “a Nova Atenas”, em toda a azáfama que então podia observar-se na construção dos colégios universitários. A oração impressa não tem lugar nem data, mas é certamente de Coimbra, 1550.

Impresso em Coimbra, neste mesmo ano de 1550, e dedicado à Infanta D. Maria, irmã do rei D. João III, foi o livro *Commentarius de Iobeleo et Indulgentiis omnibus*, da autoria do nosso conhecido Doutor Martín de Azpilcueta Navarro. Pela inclinação do seu espírito para as questões práticas da religião (celebrava-se em 1550 um ‘jubiléu’ da Igreja Católica) o livro teria interessado José de Anchieta. A nós, hoje, interessa mais o prefácio-dedicatória do célebre canonista à Infanta D. Maria, em que ele exalta a cultura e as virtudes humanas da princesa e o seu futuro casamento com Filipe de Espanha, de quem então estava noiva. O casamento não veio a realizar-se, por uma tramóia montada pelo próprio D. João III, que regateou o dote da irmã, considerada na Europa a princesa mais rica da Cristandade<sup>13</sup>.

Mais tarde, no jubiléu seguinte, em 1575, estava Martín de Azpilcueta em Roma, jubilado da Universidade de Coimbra, com uma pensão de reforma excepcional<sup>14</sup>. Aproveitou o novo jubiléu para contar a história dramática do

---

Oh pasión!  
 Ay de mi que es el Plutón  
 que viene del Aqueronte,  
 ardiendo como tizón,  
 a llevarnos de rondón,  
 al fuego del Flegetonte.

<sup>13</sup> A. Costa Ramalho, “A Infanta D. Maria e o seu tempo”, *Para a História do Humanismo em Portugal I*, Coimbra, CECH, 1988, p. 87-103; “Uma indiscrição de Diogo de Teive”, *Biblos LXXI* (1995), p. 111-116.

<sup>14</sup> Os mil cruzados de ouro anuais da aposentação de Martín de Azpilcueta ainda impressionavam os nobres adolescentes japoneses em 1585. Cf. Duarte de Sande, S.J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Curia Romana*. Prefácio, Tradução do latim e Comentário de Américo da Costa Ramalho. Macau, Comissão dos Descobrimentos / Fundação Oriente, 1997, p. 312.

casamento falhado da princesa, no prefácio da 2ª edição do *De Iobeleo* que também lhe dedicou.

Entretanto, nesse mesmo ano de 1550, em Coimbra, dedicou D. Leonor de Noronha, à rainha D. Catarina a sua tradução das *Enneades* ou História Universal do humanista italiano Marcantonio Cocci Sabellico. D. Leonor era irmã do 3º marquês de Vila Real, D. Pedro de Meneses, e como ele, considerada uma excelente aluna pelo exigente Cataldo Parísio Sículo, outrora seu mestre.

Anchieta poderia ainda ter assistido à oração comemorativa da fundação do Colégio das Artes que André de Resende pronunciou em 23 de Junho de 1551. É um documento extraordinário como quase tudo o que saiu da pena do famoso humanista. Foi também publicado, logo a seguir.

Nesse discurso em honra de D. João III, a figura do rei e a sua actividade cultural, os problemas da renovação religiosa e da política ultramarina, são discutidos a uma luz favorável para o soberano, hoje tão vilipendiado. E tudo expresso num latim supremamente elegante.

Estes que acabo de enumerar são alguns aspectos do ambiente cultural de Coimbra, nos anos em que José de Anchieta lá estudou.

Dir-me-ão que em 1551, com dezassete anos de idade, Anchieta não estava possivelmente em condições de se aperceber de tudo quanto se passava à sua volta.

Responderei que os rapazes de então eram intelectualmente mais adultos que os de hoje e submetidos a uma disciplina de trabalho que, no caso de Coimbra, não tem comparação possível com o que acontece hoje. Como em outro lugar escrevi, “o regime do Colégio das Artes era dos mais severos. O dia de trabalho começava às 4 horas da manhã para acabar às 8 horas da noite, com breves intervalos para as refeições. Férias poucas e de curta duração.” Acrescentarei que os próprios feriados eram preenchidos com revisões e exercícios escolares em que os professores e alunos revelavam a sua criatividade.

Não havendo rádio nem televisão nem transportes fáceis e rápidos, a vida dos estudantes concentrava-se na própria cidade que habitavam. E esta partilhava exuberantemente a vida universitária, como nos mostra o *Conimbricæ Encomium*, o *Elogio de Coimbra*, interessantíssimo poema de Inácio de Moraes, saído em Coimbra em 1554, isto é, no ano seguinte ao da partida de Anchieta para o Brasil. Entre outras manifestações públicas da vida universitária desses anos, Moraes recorda:

Copia mulcebit tunc te facunda soluti

Eloquii atque fluens de Cicerone lepos.  
Teque graui incedens tumefacta tragoedia uersu,  
Aut socco alliciet comica Musa leui.

“Então deleitar-te-á a abundância eloquente da prosa / e uma graça que flui de Cícero. / E há-de seduzir-te a tragédia pomposa que caminha em graves versos / ou a Musa cômica, em seu leve soco.”<sup>15</sup>.

E tudo isto, naturalmente, em latim, e com a participação de estudantes, como foi José de Anchieta.

---

<sup>15</sup> A. Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal*, 2.<sup>a</sup> edição, Lisboa, F.C.G. - J.N.I.C.T., 1994, p. 188-191.